

MONTEIRO LOBATO ABRIU OS CAMINHOS

Enéas ATHANÁZIO

UMA OBRA VASTA E SURPREENDENTE

Quarenta e cinco anos depois de morto, Monteiro Lobato (1882/1948) está ligado de forma indissolúvel à literatura infantil brasileira, ainda mais com as sucessivas adaptações de suas histórias para a televisão. Embora antes dele vários outros produzissem esporadicamente obras nesse gênero, Lobato é considerado o criador de nossa literatura para crianças, não apenas pela riqueza e pela qualidade do que escreveu, mas também porque criou um mundo fictício que até hoje não foi desvendado em todos seus aspectos e implicações - o Sítio do Picapau Amarelo.

Por mais conhecida e importante que seja, porém, a literatura infantil no contexto de sua produção, a obra de Lobato não se esgota nela. Muito daquilo que ele próprio selecionou para a parte denominada "literatura geral" de suas Obras Completas, reunindo apenas uma parcela do que escreveu, continua vivo e capaz de interessar ao leitor. Essas páginas revelam um escritor primoroso, hábil no escrever para adultos, ligado nos grandes temas do momento e preocupado com os destinos do país. Quem leu sobre sua vida sabe que ele se preparou mesmo para ser ficcionista e que a literatura infantil, na qual revelou um talento invulgar, aconteceu por acidente. Não deixa de ser uma injustiça que aquela parte da obra para a qual afinou com tanto empenho e por tanto tempo o instrumento do escritor seja colocada em segundo plano. Os lobatianos históricos, aliás, têm nisso alguma culpa por sustentarem que ao ressaltar esse lado adulto de sua produção se desfazia a aura de fantasia que deve cercar o escritor infantil.

Nessa parte se incluem alguns dos melhores contos de nossas letras, construídos com dedicação e paciência, na busca incansável da perfeição. As cartas que enviou a Godofredo Rangel registram em muitas

passagens os desabafos do contista laborioso, sempre insatisfeito com os resultados, mas disposto a recomeçar do início, num aprendizado permanente, ate atingir o nível desejado. O resultado foi a criação de contos modelares e engenhosos, de onde o leitor só consegue desviar os olhos sonhadores no final para "fixá-los num ponto imaginário do horizonte", como ele desejava.

Ali também se encontram os trabalhos que produziu no calor das campanhas em que se envolveu pela produção de ferro e petróleo pelo saneamento e pelo livro, pelo reflorestamento e pela construção de estradas, entre outras. Os inúmeros artigos de crítica - literária, de artes plásticas, teatral e até de cinema, os ensaios a respeito de problemas nacionais, os depoimentos e entrevistas que revelam o pensador. E até mesmo, para surpresa de muitos, os escritos sobre assuntos políticos (a democracia, a censura, o voto secreto, as fraudes eleitorais, os políticos, a cabala dos eleitores, o sistema representativo etc.). Alguns assuntos jurídicos, pelos quais se interessou, mereceram seus comentários. O crime e o criminoso, os juízes e a justiça, a lei e o júri são abordados, mas a pena criminal e a incomunicabilidade aparecem mais de uma vez, principalmente depois que foi condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional e preso junto com homicidas e ladrões de galinhas. Como lembram seus biógrafos, o que mais o chocou nesse episódio não foi tanto a prisão mas a incomunicabilidade em que foi colocado. Sem que pudesse imaginar, dois de seus contos foram absorvidos pela literatura jurídica penal: "Júri na roça", como tremenda crítica aos quesitos do júri, e "O engraçado arrependido", como exemplo de homicídio cometido por meios morais.

Muitas são as páginas que deixou sobre economia. Um de seus ensaios obteve repercussão pelos debates que provocou. "A moeda regressiva", publicado em 1939, expunha a teoria de uma moeda cuja validade se extinguiria com a passagem do tempo, provocando as mais fantásticas conseqüências, como o fim do capitalismo "selvagem", da especulação e da usura, dos impostos e dos extremismos econômicos. Traduzido para o espanhol, apareceu no "El Economista", do México, com longo comentário da redação. Numa tentativa de ressuscitar a curiosa teoria, o escritor Mário Graciotti publicou o livro "Esta moeda salva o mundo" (Ibrasa - S. Paulo - 1993), onde analisa a idéia, sua gênese e possíveis efeitos, batalhando pela adoção dessa moeda milagrosa.

Entre crônicas, cartas, viagens e notas, merece destaque ainda o romance "O presidente negro ou o choque das raças", com o qual, embora único, Lobato conquistou lugar definitivo como precursor da ficção científica

entre nós. Como observou Edgard Cavalheiro, da pena de Monteiro Lobato saíam escritos sobre todos os assuntos, exceto jurídicos no sentido técnico.

Embora seja um dos escritores brasileiros mais biografados e analisados, dois aspectos continuam mal esclarecidos. Refiro-me ao posicionamento de Lobato em face da arte moderna, em especial a pintura, e suas relações com os modernistas e o Modernismo.

2 - GUERRA AOS MACACOS

Uma exposição de suas obras e o lançamento do livro "Anita Malfatti no tempo e no espaço", de Marta Rossetti Batista (IBM do Brasil - S. Paulo - 1986), põe em evidência há alguns anos essa esquecida pintora que foi precursora do Modernismo brasileiro, e, naturalmente, o célebre artigo do Monteiro Lobato e o mal-entendido que o afastou para sempre do grupo. Travou-se então alguma discussão mas não chegou a conclusões corretas e o escritor saiu dela, mais uma vez, rotulado de reacionário e ignorante das artes plásticas, incapaz de entender a mensagem inovadora da obra da pintora.

Muito tem sido escrito sobre esse episódio, quase sempre de forma ligeira e superficial. Os autores que aprofundaram questão e procuraram uma explicação lógica para a posição de Lobato, como o insuspeito Mario da Silva Brito e o categorizado biógrafo Edgard Cavalheiro, têm sido ignorados. Nem mesmo o artigo "Paranóia ou mistificação?", em que o escritor desancou a pintora, tem sido bem analisado.

Retornando da Europa, onde se impregnara dos ideais estéticos de vanguarda, Anita Malfatti abriu sua exposição numa cidade ainda provinciana como a São Paulo de 1917. Expunha ao público os resultados de seus estudos em telas que mostravam nus, homens e rochedos amarelos, mulheres de cabelos verdes e outras produções nessa linha. A exposição provocou certo escândalo, mas os visitantes se sucediam e os quadros eram vendidos - um sucesso relativo. Foi então que apareceu o comentário de Lobato, publicado no "Estadinho", revertendo de pronto a situação. Obras foram devolvidas, a artista foi injuriada e houve até ameaças de furar as telas a bico de bengala. Anita virou do dia para a noite a "heroína" do Modernismo e Lobato foi convertido no "inimigo número um" da nova corrente. Não houve escriba neste país, queixou-se ele, "que não lhe desse uma estocada..."

Tudo indica que ele não esperava a repercussão de seu artigo. Era na época um escritor recém-chegado do interior e ainda inédito em livro,

muito longe do “todo poderoso” da crítica nacional como é retratado em relatos daqueles acontecimentos.

Por que assumiu Lobato, - um inovador em tantas frentes, - aquela posição tão radical e conservadora? Consideradas as circunstâncias da época e as atitudes anteriores do escritor, a explicação se impõe com facilidade.

A influência francesa no Brasil daqueles dias era imensa. Tal como ocorre hoje com os Estados Unidos, muitos brasileiros imitavam - como macacos - tudo que vinha da França e alguns ate a consideravam a segunda pátria.

Ora, Monteiro Lobato andava em guerra contra tal servilismo cultural - guerra contra os macacos. Nacionalista em matéria de pintura, ele viu na obra de Malfatti mais uma “francesia”, mais uma macaquice a reforçar nossa submissão cultural à França. Contra ela se colocou de imediato na contundente crítica. Talvez tenha carregado nas tintas, mas não imaginava que ninguém, exceto Oswald de Andrade, num tímido artigo, esboçasse uma defesa da artista e sua estética. Sua palavra ficou como uma espécie de juízo final. Não imaginava também que a insegura Anita não conseguisse absorver a crítica, mudando os rumos de sua arte, passando da vanguarda ao retrocesso, e assim permanecendo até a morte em 1964. Não deu ouvidos nem mesmo aos reiterados apelos do amigo Mário de Andrade para que retomasse os caminhos iniciais.

Críticas recentes, reavaliando a obra de Anita Malfatti, com destaque para “Rochedos” e “O homem amarelo”, - os que mais chocaram na exposição de 1917, - põem em dúvida as qualidades apregoadas. Assim, a crítica lobatiana, além de discordar da linha estética teria razão no avaliar a ausência de maior valor pictórico. Não concordo com isso; para mim são obras modelares.

3 - JECA TATU E MACUNAÍMA

Acusado de antimodernista, Lobato ficou à margem do movimento. Não participou das reuniões e consta que teria se retirado de uma das “soirées” da Semana de 1922. A crítica, no entanto, nunca deixou de apontar os aspectos modernizantes de sua obra e atuação cultural. Acabou virando pré-modernista “malgré lui”.

Exemplo bem significativo disso é o livro “De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo”, de Vasda Bonafini Landers (Civilização

Brasileira - Rio - 1988), escrito como tese de doutorado pela New York University e ampliado para publicação em volume. A autora aborda de forma exaustiva as relações de Lobato com o Modernismo, concluindo que foi ele o verdadeiro/precursor e pioneiro dos ideais modernistas no Brasil.

Com dados e citações tão abundantes que às vezes chegam a ser cansativos, ela mostra que a colocação de Lobato como inimigo jurado do Modernismo não passa de calamitosa mentira histórica, em que nem ao menos falta boa dose de má-fé para alijá-lo do panorama literário da época. Na verdade, apesar da pouca idade, Lobato incomodava pelo olho crítico e pela independência.

Rastreando o pensamento do escritor desde o início, numa visão geral e sistemática, ela comprova sua linha renovadora e nacionalista, que conservou até o fim, com absoluta coerência. Mostra que vários de seus trabalhos, publicados na imprensa, foram modernistas muito antes de qualquer outra manifestação modernista. Seu livro de estréia "Urupês", aparecido em 1918, era nitidamente inovador pela linguagem e pelos temas, pelos ambientes e personagens brasileiros, numa época em que nossos autores andavam muito preocupados em imitar os franceses e futuros modernistas até escreviam em francês.

Ela relaciona o que chama de "manifestos modernistas" de Lobato, que tomam a forma de ensaios ou de ficção. Comparando-os com textos dos mais representativos modernistas, vai mostrando como Lobato abordou com grande precedência histórica cada um dos pontos que constituiriam mais tarde o programa de 1922. Aponta por fim a presença da terminologia e da temática lobatianas em obras modernistas posteriores, evidenciando a sua forte influência. E conclui que um paralelo entre as obras de Monteiro Lobato e Mário de Andrade, no que tem de vanguardistas, revelase vantajosa para o primeiro. Jeca Tatu abriu caminhos que Macunaíma trilharia com mais conforto. Só os mal-entendidos e ciuemeiras locais impediram que Lobato liderasse o Modernismo, também equivocadamente ao se lançar nos braços de Graça Aranha, com quem não tinha as afinidades que sobravam com Monteiro Lobato.

4 - HOMEM PÚBLICO SEM CARGOS

Essas manifestações da crítica, no entanto, continuam mais ou menos ignoradas e Lobato permanece na mesma situação. Agora surge um documento que o favorece, confirmando o que disseram esses ensaístas.

Trata-se do depoimento mais que insuspeito do próprio Oswald de Andrade, participe e testemunha presencial, contido no livro “Estética e Política” (Globo - S. Paulo - 1992), e que acaba de ser integrado às suas Obras Completas.

Organizado pela incansável Maria Eugênia Boaventura, o volume reúne textos do combativo líder, em grande parte relacionados com o movimento, entre eles os célebres artigos “O meu poeta futurista”, lançando Mário de Andrade, e “A exposição Anita Malfatti, esboçando a defesa da pintora.

O livro, em seu conjunto, surpreende acima de tudo por um aspecto. Quando seria de esperar que suas páginas fossem um hino a Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Graça Aranha e outros engajados, a pena justiceira de Oswald de Andrade aponta, proclama e repisa que a abertura dos caminhos modernistas no Brasil se deve a Monteiro Lobato. Diz a organizadora que ele “recuperou a participação de Lobato no Modernismo”.

Para Oswald, referindo-se ao impacto causado por “Urupês”, “a atitude inicial de Lobato foi um estouro nos arraiais bambos da estética paulista.” Em outra passagem: “Como se diz que a literatura russa começou com “O capote”, de Gogol, pode-se também afirmar que a nossa modernidade começou no “Jeca Tatu” de Lobato. Ali havia duas coisas evidentemente novas - o homem vítima da terra e a escrita nova. Foi em Lobato que a renovação teve de fato o seu impulso básico. Ele apresentava, enfim, uma prosa nova... Mas aí é que somos obrigados a situar como primeiro modernista Monteiro Lobato. E sejam quais forem as dissensões que teve conosco, sobretudo a propósito da pintora Anita Malfatti, ele ficará, sem dúvida, como o primeiro prosador do Brasil Moderno.”

Reconhece que Lobato não assumiu a chefia do movimento porque não quis e faz uma afirmação muito repetida, embora nem sempre se saiba quem foi o autor: “Monteiro Lobato soube morrer dentro da honradez de sua missão. Poucos escritores sem exercer cargos terão sido como ele um homem público. Toda a sua vida se desdobrou entre a ação prática... e a reabilitação de seu povo e de sua terra.”

A justiça literária costuma ser lerda. Vamos esperar que essas opiniões levem à revisão de muito que tem sido dito e repetido sem razão sobre Monteiro Lobato e sua contribuição para o Modernismo brasileiro, dimensionando-se com justeza a importância desse “herói civil da literatura nacional”, como o definiu Drummond.